

AVALIAÇÃO DO PROFESSOR EM CURSOS DE LICENCIATURA: O ALUNO COMO PARCEIRO

EVALUATION OF THE TEACHERS IN LICENCIATURA COURSES: THE PUPIL AS PARTNER

Maria Tereza Dejuste de Paula*
Sheila Roberti Pereira da Silva
Sonia Sirolli Santana
Luiz Carlos Andrade de Aquino

Resumo

O objetivo do estudo foi o de identificar entre alunos de cursos de licenciatura a importância e finalidades atribuídas à avaliação do professor pelo aluno, bem como os critérios a serem considerados para essa avaliação, em uma perspectiva de responsabilidade compartilhada. O estudo foi desenvolvido através de um instrumento aplicado a 242 alunos dos cursos de Letras, Pedagogia e História, abrangendo questões sobre a visão do aluno em relação à avaliação do professor, as funções que essa avaliação deve cumprir e os aspectos a serem considerados. Os resultados mostraram que os critérios indicados entre os cursos foram homogêneos embora a hierarquia a eles atribuída tenha sido diferente em função de variáveis contextuais de cada curso. Indicaram, também, a complexidade da tarefa de avaliação do professor pelo aluno e a importância dessa avaliação ser feita de maneira contextualizada e compartilhada para ser relevante e servir a funções formativas de melhoria do ensino.

Abstract

The aim of the study is to identify the purpose, importance and criteria attributed by teacher education students to the approach student's evaluation of the teacher, taking in account a shared responsibility by both. A questionnaire was applied to 242 students of Education, Language and Literature Teacher Education and History courses addressing questions about their view related to aims, roles and criteria to be considered in a student's evaluation of the teacher assessment. The results show that the appointed criteria to be used in this kind of evaluation are homogeneous among the students of the different courses although hierarchically diverse as a result of each course context influence. The study showed also the complexity of the task of using students as teacher evaluators and the importance of conducting this kind of assessment considering the context and shared responsibilities between the students and teachers, as conditions necessities for relevance and formative use of the evaluation for teaching improvement.

* Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, São Paulo.

Introdução

A questão da avaliação do ensino superior tem suscitado intenso debate no Brasil, principalmente na última década quando foi criada a Comissão Nacional de Avaliação das Universidades e o Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras (PAIUB)¹. Esse debate se insere no bojo de discussões mais amplas sobre a autonomia e sobre o papel da universidade em uma sociedade que demanda cada vez mais pela qualidade e eficiência das instituições escolares.

Além disso, fomenta o debate o fato de que o processo de reconhecimento das universidades brasileiras tem como eixos a avaliação interna e externa dessas instituições.

Muitas universidades brasileiras já têm projetos e programas de avaliação institucional. Praticamente todos esses projetos e programas envolvem a avaliação do professor. Muitos deles, como o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, envolvem a avaliação do professor pelo aluno (PROGRAD, 1995). Certamente, tais instituições reconhecem a necessidade da produção de uma cultura avaliativa voltada para o aperfeiçoamento do docente, não só pelo que representa em termos de realização profissional, mas porque o desempenho docente é peça fundamental do xadrez institucional em busca da realização de sua função social.

No exterior, nas últimas décadas, assistiu-se a uma mudança de paradigmas na teoria da avaliação, tendo havido importantes modificações na avaliação do professor, o qual tem sido crescentemente tomado como foco de políticas de melhoria do ensino. O profissionalismo dos professores e a reestruturação da escola são, por exemplo, os principais pontos das reformas educacionais que têm ocorrido em países europeus e nos Estados Unidos, segundo Darling-Hammond (1990). Ainda segundo este autor, cresceu a importância da avaliação do professor, quando antes a ênfase era somente sobre o currículo, métodos de administração e desenvolvimento de novos programas.

No entanto, a relevância da tarefa de avaliação do docente é proporcional às dificuldades técnicas de promovê-la, principalmente quando se trata da natureza deste objeto, um ser complexo cujo saber e saber fazer só podem ser compreendidos em seu caráter de síntese de múltiplas determinações de sua história pessoal e profissional, o que requer a consideração de variáveis contextuais e da dinâmica institucional nem sempre valorizadas em programas de avaliação institucional.

As dificuldades de avaliação do professor resultam, em parte, da própria complexidade das tarefas docentes. A definição de competência profissional peca pelo grau de generalidade sobre quais são, de fato, as exigências, em termos de conhecimentos, experiências, atitudes e convicções, tidos como necessários ao efetivo exercício da profissão. No caso do docente do ensino superior a situação é mais complicada, uma vez que a maioria dos estudos sobre características do bom professor ou características da tarefa docente, referem-se ao ensino fundamental e médio. Daí a necessidade de se buscarem indicadores mais apropriados ao corpo docente do ensino superior, o que seria uma possível forma de se enfrentarem os problemas com as avaliações que têm sido realizadas, no que diz respeito à (in)definição de critérios já que, como afirmam Souza et alii (1998:14), *na maioria das vezes, não existem critérios de avaliação pelos quais o desempenho possa ser julgado para saber se houve, ou não, crescimento e aumento da competência.*

¹ Essa comissão foi criada em 1992 e estabeleceu as diretrizes para a avaliação das universidades brasileiras. O PAIUB é um programa ligado à Secretaria do Ensino Superior (SESU), do MEC.

Vê-se, ainda, quão desafiante é a tarefa de avaliação do professor, à medida que esta questão é parte intrínseca de questão mais ampla que é a própria formação docente inicial ou continuada. Neste sentido, avaliação do docente e finalidades formativas interrelacionam-se dialeticamente, podendo, esse processo, sob uma perspectiva de meta-avaliação, oferecer elementos na direção da sistematização de atributos que importam ser considerados em programas de formação dos profissionais e em sua prática docente, bem como na direção da definição dos critérios através dos quais se possa avaliar a efetividade da ação do professor.

Estudos como os de Gage (1972) e Miron (1981) já mostraram que a avaliação do professor contribui para a melhoria do ensino desde que desenvolvida com esse objetivo e com as condições necessárias.

Várias são as estratégias que têm sido utilizadas para avaliar os docentes. Entre elas está a avaliação do docente pelo aluno. O uso do julgamento de alunos para avaliar o professor é tarefa complexa e provocou o aparecimento de estudos com a preocupação de verificar a validade desse procedimento. Principalmente nos Estados Unidos foram desenvolvidos vários estudos para verificar fatores de vieses no julgamento do professor pelo aluno, entre os quais a nota atribuída pelos professores aos alunos que os avaliaram. Alguns estudos indicaram uma relação entre as notas e o julgamento dos alunos (Powell, 1977; Snyder e Clair, 1976; Du Cette e Kinney, 1982). Outros, entretanto, como afirma Moreira (1986), apresentaram resultados na direção oposta.

Vários especialistas, entre eles Scriven (1995), defendem a avaliação do professor pelo aluno. De acordo com esse autor, os estudantes estão em uma posição privilegiada para observar aspectos do professor como estilo de ensino, em que medida os exames cobrem o que foi ensinado, trabalho extra-classe, qualidade dos textos, pontualidade e seu próprio aprendizado, entre outros. Considera, ainda, que o julgamento dos estudantes representa uma participação no processo democrático de tomada de decisão. Ressalta, entretanto, que muitas vezes os instrumentos de avaliação dos professores pelos alunos contêm questões muito amplas.

Pode-se considerar que além de questões amplas demais, os critérios empregados e implícitos nos instrumentos utilizados em avaliações do docente pelo aluno são impostos aos alunos o que pode ter conseqüências em termos da relevância de tais critérios para os resultados da avaliação. São praticamente inexistentes na literatura estudos que tratam da avaliação do professor a partir de critérios indicados pelos próprios alunos.

Em geral, os alunos são tomados apenas como fontes para fornecer *feedback* ao professor sobre o impacto do seu comportamento sobre o aluno. Neste trabalho, porém, sob uma perspectiva que considera avaliação como parceria, considerou-se o aluno como fonte de informação com caráter diferente do usual em práticas avaliativas.

A participação do aluno na definição de critérios importantes para a avaliação do professor tem respaldo na teoria avaliativa que recomenda o envolvimento e a participação de todos os apoiadores no processo avaliativo. Consideram-se apoiadores, no caso da avaliação em instituições do ensino superior, todos os que têm interesse direto na qualidade educacional, isto é, alunos, pais, corpo docente e o público da comunidade em que a instituição está inserida (Stark, 1998).

Ao decidir critérios que devem ser usados na avaliação do corpo docente e definir a importância relativa desses critérios, a teoria avaliativa recomenda a inclusão do maior número possível de docentes (Souza et alii, 1998). Sem dúvida, sob uma perspectiva de avaliação como responsabilidade compartilhada, nada mais próprio do que o envolvimento do professor nesta tarefa para que os critérios e procedimentos sejam frutos de consenso. Além disso, essa abordagem responsiva, que supõe a negociação entre os pares, confere uma maior qualidade ao processo avaliativo, em termos de sua democratização, tanto mais importante pelo fato de objetivar fortalecer a competência de seus participantes (Souza et alii, 1998).

Concordando que assim deve ser, optou-se, neste trabalho, por buscar formas de ampliar as parcerias que devem ser fomentadas no processo avaliativo. Por que não incluir, também, na busca do consenso sobre o quê e como avaliar o professor, o seu parceiro cotidiano, aquele que sofre impacto direto da sua prática? Daí porque, o aluno foi tomado como parceiro de primeira hora, em uma tentativa de compartilhar responsabilidades antes mesmo de inaugurar o processo avaliativo, o que pode ser um diferencial nas abordagens usuais sobre avaliação do docente pelo aluno.

Sob essa perspectiva, buscou-se responder neste estudo às seguintes questões: Qual a importância da avaliação do professor pelo aluno, para o aluno da licenciatura? Quais aspectos ou critérios o aluno da licenciatura considera importantes serem levados em conta na avaliação do professor?

Metodologia

Considerando que diferentes áreas de estudo, disciplinas e profissões contribuem de maneira própria para o avanço do conhecimento (Souza et alii, 1998) e, conseqüentemente, suas especificidades têm de ser igualmente consideradas quando se trata não só de julgar a eficiência e eficácia do ensino, como também de apontar aspectos a serem considerados na definição de critérios de avaliação, o estudo envolveu três cursos de licenciatura de uma instituição privada de ensino superior.

Foi aplicado um questionário a 88 alunos do curso de Letras, 11 de História e 143 do curso de Pedagogia, distribuídos entre as séries dos cursos. O instrumento abrangeu questões relativas, principalmente, ao porquê e o quê esses alunos consideram importante avaliar nos professores. Composto de perguntas abertas e fechadas, o instrumento foi elaborado a partir de estudo exploratório apoiado em entrevistas não-estruturadas, tendo sido pré-testado antes de ser aplicado à amostra definitiva.

Os dados levantados em cada um dos cursos de licenciatura que foram objeto do estudo já foram analisados separadamente. O presente estudo é uma análise das licenciaturas como um todo, e leva em conta os seguintes princípios e procedimentos:

1. Os argumentos apresentados pelos alunos para justificar a importância de se avaliar o professor foram agrupados conforme a finalidade a que se referiam e ordenados pela frequência com que foram indicados.

2. As justificativas apresentadas pelos alunos sobre a importância do professor ser avaliado *pelo aluno* foram agrupadas conforme apresentaram comunidade de traços, tendo sido ordenadas, também, pela frequência de indicações.

3. Os aspectos apontados pelos alunos como importantes de serem avaliados no professor foram categorizados conforme sua natureza, ou seja, o agrupamento foi feito conforme a natureza do conhecimento envolvido, sem desconsiderar o conhecimento já sistematizado pela teoria da avaliação. No entanto, a tentativa de dar um *salto* metodológico consistiu, justamente, em não definir à priori as possíveis categorias, mas sim fazê-lo a partir das informações obtidas através dos alunos, informações estas que representam o *conhecimento local* (Rockwell, 1984), cujas características são diferentes do saber já sistematizado pela teoria da avaliação que já dispõe de listas de critérios para avaliar docentes, definidas, em geral, por especialistas. Trata-se de confrontar esses saberes na definição de critérios.

Considerou-se que uma possível definição de critérios deve ser fruto da síntese possibilitada pela confrontação acima referida. Após uma primeira categorização fez-se uma ordenação pela frequência com que apareceram nas respostas dos alunos. A análise foi feita tendo como suporte as fundamentações da literatura sobre avaliação de docentes, fiel ao princípio metodológico de indicar aspectos para a definição de critérios considerando o saber do aluno a respeito do problema.

4. Quando pertinente deu-se um tratamento quantitativo, do tipo descritivo, buscando resumir os dados obtidos, a par de uma análise qualitativa, considerando variáveis como série e o fato de ser ou ter sido professor, além de variáveis contextuais e da dinâmica institucional, cuja consideração é imprescindível para conferir maior poder explicativo aos dados. Buscou-se incorporar, ao máximo, o *saber local*, não só pela inclusão dos dizeres dos alunos, mas porque foi desse saber que emergiram conhecimentos que estão em jogo em um processo de avaliação do professor pelo aluno.

A Importância da Avaliação do Professor

Todos os informantes, independentemente do curso considerado, foram unânimes em reconhecer a importância da avaliação dos professores. Todos responderam afirmativamente quando questionados sobre a importância de se avaliar o professor, sem referência a quem seria esse avaliador ou como se faria essa avaliação.

As justificativas mais recorrentes sobre a importância de se avaliar o trabalho dos professores foram agrupadas de acordo com o fim ao qual se referem, tendo surgido da análise das respostas dos alunos as finalidades da avaliação do professor como sendo a auto-avaliação, com finalidades formativas para a melhoria do trabalho docente, conseqüentemente do ensino por ele ministrado. Foi também ressaltado pelos alunos o papel que essa avaliação pode desempenhar como estímulo ao professor para uma atualização na sua área. Acreditam alguns alunos que avaliar o professor seria uma forma de instá-lo a se atualizar, ainda no contexto de que uma auto avaliação do professor levá-lo-ia a uma reflexão sobre sua prática alertando-o para suas responsabilidades atuais e para os aperfeiçoamentos necessários. A maior parte dos entrevistados (75%) indicou essa finalidade formativa como a que deve ser adotada para a avaliação do professor.

Por outro lado, houve também, embora uma minoria (25%) e, mais uma vez, independente do curso, os que valorizaram a função somativa da avaliação pelo uso institucional que se possa fazer dela em termos de subsidiar decisões administrativas como substituir o professor ou verificar se este está cumprindo o programa ou os objetivos. De fato, a teoria da avaliação indica entre as fontes de informação alunos e ex-alunos, porém não apenas, ressaltando que um dos cuidados com a avaliação do docente deve ser a utilização de múltiplas fontes de informação como forma de conferir validade ao processo.

Apenas a utilização da avaliação pelo aluno para embasar decisões administrativas pode ser arriscada porque há aspectos difíceis de serem avaliados pelos alunos como: - *adequação e validade dos objetivos*; - *conteúdos e princípios da disciplina*; - *atualização do material pedagógico*; *domínio e profundidade do conteúdo*; - *indicação de bibliografia atualizada*; - *validade das leituras exigidas*. (Lampert, 1997:329).

Além disso, há os fatores que influenciam na avaliação do professor como notas, sexo, idade, tamanho da classe, esforço, interesse e maturidade do aluno para julgar e a personalidade do professor; esforço despendido pelo aluno e a importância que ele atribui à disciplina ou ao curso e a influência das suas teorias implícitas (Moreira, 1986).

Na prática, há indícios de que o aluno também vê na avaliação uma forma de punir o professor, procedimento que ele tanto abomina. Ilustrativa dessa questão é a afirmação de um dos alunos entrevistados segundo o qual *o professor que é acomodado deve sofrer as avaliações dos alunos*.

No caso do curso de Pedagogia, pôde-se verificar que as respostas dos estudantes que vêem a avaliação do professor como um processo, de certa maneira, punitivo para o professor, e não como um instrumento formativo, não são igualmente distribuídas entre todas as séries do curso. Verificou-se, assim, que dos respondentes da quarta série há somente um aluno que postula tal função para a avaliação do professor e que a maior parte dos estudantes que admitem apenas essa finalidade para a avaliação do professor se concentra na primeira e segunda séries do curso.

A constatação acima pode sugerir que a atribuição de uma função formativa à avaliação do professor se instala no grupo da Pedagogia à medida em que avançam no curso e em consequência, entre outros fatores, de serem submetidos à disciplinas cujo conteúdo trata da avaliação. Com efeito, na terceira série do curso, faz parte do currículo a disciplina Avaliação Educacional que trata da avaliação da aprendizagem e na quarta série a disciplina Medidas Educacionais cujo conteúdo trata de procedimentos e instrumentos para a avaliação.

A segunda questão apresentada no questionário teve como objetivo fechar mais o foco sobre a avaliação do professor e questionou o aluno sobre a importância do professor ser avaliado **pelo aluno**. O objetivo dessa questão é, assim, mais específico, pois indaga sobre a importância do aluno ser o avaliador do docente.

Os resultados mostram que a maioria dos discentes, independente do curso, acha legítimo o professor ser por eles avaliado, apresentando razões para tal que vão desde o caráter da relação direta e cotidiana que mantêm entre si, até à condição

de cliente que, segundo o aluno, dá-lhe o direito de exercer a tarefa de avaliar aquele que é responsável pela sua aprendizagem. Ilustrativas dessa questão são as afirmações de alunos de História de que *O professor deve ser avaliado pelos alunos pois tem responsabilidades pela aprendizagem deles* ou *O aluno é o “consumidor” (é quem tem contato direto com o professor), a ele compete avaliar o trabalho do professor*. Por ser o aluno que se relaciona diretamente com o professor, o principal alvo e principal interessado, sendo o beneficiário ou o prejudicado ou porque é uma questão de direito, por ser o cliente, e de justiça, são fatores levantados também pelos alunos de Letras. A ótica dos alunos de Pedagogia parece reforçar a idéia.

A análise das respostas do grupo de alunos favoráveis à avaliação do professor pelo aluno levou a se perceber que também aqui estão presentes duas perspectivas distintas quanto à finalidade da avaliação do professor: uma formativa e outra somativa. Em outras palavras, uma parte dos alunos vê o aluno como um avaliador que pode ajudar na melhoria da prática do professor e no diálogo construtivo entre professor e aluno. A outra, vê a importância do aluno avaliar o professor para simplesmente julgá-lo e, talvez, ter isso usado para fins administrativos como promoção ou demissão do professor.

Pode-se perceber, também, que uma parte dos alunos que indicaram a função formativa da avaliação do professor na primeira questão acima analisada, mudaram a direção da opinião quando focalizaram a avaliação do professor pelo aluno. Muitas respostas da questão da avaliação do professor pelo aluno não conservam a mesma perspectiva formativa da questão sobre a avaliação do professor em geral. Não foi possível detectar se essa mudança se deve a uma concepção diferente da finalidade da avaliação a partir do juiz que a efetua, ou se houve influência de fatores contextuais como problemas que os alunos têm com os seus professores atuais.

Na visão de alguns alunos que entendem ser importante a avaliação do professor pelo aluno para fins de simplesmente medir o desempenho do professor para uso administrativo, percebe-se um ressentimento provavelmente causado pela prática autoritária de avaliação de alguns professores ou pelo baixo rendimento desses alunos em algumas disciplinas.

Algumas falas dos alunos ao expressarem as finalidades somativas/administrativas que julgam legítimas para a avaliação do professor pelo aluno ilustram essa visão:

“porque o professor não é dono da verdade” (aluna da Pedagogia)

“os alunos precisam aprovar o professor” (aluna do 1º ano da Pedagogia)

“porque se o professor pode avaliar o aluno este também pode e deve avaliá-lo”(aluna do 2º ano da Pedagogia)

“ porque os alunos são os pagantes”(aluna do 3º ano de Pedagogia)

porque os alunos são as vítimas do desempenho do professor” (aluna do 1º ano de Pedagogia)

Também não faltou a visão da avaliação como ameaça: *sabendo que será avaliado o professor vai se atualizar*. (Letras) Pode-se dizer que esses dados

expressem, por um lado, aspectos que têm caracterizado a cultura avaliativa no ambiente acadêmico. Por outro lado, levam a se reafirmar a complexidade da tarefa de avaliar que, por isso mesmo, deve ter um tratamento rigoroso para que não sejam feridos valores éticos e de justiça.

Uma minoria de alunos, nos três cursos abrangidos pelo estudo, posicionou-se contra a avaliação do professor pelo aluno. No caso do curso de Pedagogia, apenas dois alunos se manifestaram contra tal avaliação. Um é do 2º ano e acha que os alunos não têm a competência para tal tarefa e que isso é papel da universidade. O outro é do 4º de Orientação Educacional e acha que os alunos são parciais e provavelmente avaliarão subjetivamente a partir da nota que tiraram na disciplina do professor avaliado. Outros três alunos do mesmo curso não opinaram contra mas têm dúvidas sobre a capacidade do aluno para avaliar os professores. No caso da História, apenas um aluno foi contra essa avaliação justificando que o quadro de referência da questão deveria ser a discussão da forma e conteúdo do curso e da conduta “ *tanto do professor como da sala*” .

Critérios de Avaliação Indicados pelos Alunos

Para dois dos três cursos analisados, ou seja, Pedagogia e História, os aspectos mais indicados pelos alunos para a avaliação do professor abrangeram, hierarquicamente, a didática do professor, o domínio de conteúdo e a postura pessoal e profissional. Uma inversão pode ser observada no curso de Letras no qual o aspecto mais indicado foi o de postura pessoal e profissional.

Seja qual for o curso, entretanto, dentro dessas categorias maiores acima indicadas uma multiplicidade de aspectos, de diferentes graus de especificidade, foram mencionados pelos alunos. Incluem, entre outros: postura do professor, formas e critérios de avaliação, metodologia usada nas aulas, planejamento das aulas, seleção dos conteúdos, preparo do professor na área, domínio da matéria, assiduidade, relação com os alunos, bibliografia utilizada, experiência, clareza e objetividade na exposição, capacidade de aceitar críticas, versatilidade, conhecimento de avaliação, postura de não chantagear com provas.

Os diversos aspectos arrolados nas respostas com suas especificidades, podem ser agrupados em diferentes blocos que expressam a natureza do conhecimento envolvido em termos de um conjunto articulado de saberes, saber fazer, saber-ser e saber-agir que são tidos como necessários ao exercício da profissão e que compõem as competências de um docente. Tais competências têm sido sistematizadas por estudiosos da formação do professor e da área da avaliação. Alguns especialistas apresentam descrições ilustrativas dessas competências.

Assim, saberes podem compreender o domínio dos conhecimentos da sua área de atuação. No que se refere ao saber-fazer, as seguintes competências estão envolvidas: dominar as práticas de docência de modo a promover uma aprendizagem mais significativa nos alunos; saber planejar, desenvolver e avaliar o processo de ensino e aprendizagem. O saber-ser compreende o respeito para com os alunos, atitude de pesquisa, autocrítica, atitude de constante atualização, visão integrada da realidade e predisposição para o diálogo. Quanto ao saber-agir, inclui a consciência das dificuldades para trabalhar com educação e de variáveis sociais, políticas e

econômicas.

Comparando-se os aspectos apontados pelos alunos com os expressos acima, pode-se evidenciar pontos de interseção entre o saber do aluno acerca dos objetos sobre os quais deve incidir a avaliação do trabalho do professor e o saber prescritivo e normativo que caracteriza a teoria avaliativa. Há uma nítida relação entre o que o aluno valoriza e o que caracteriza o trabalho docente de acordo com as sistematizações já existentes.

Notou-se nos resultados do estudo uma certa diferença na hierarquia de valorização dos diferentes saberes entre as diferentes licenciaturas, tendo sido no curso de Letras mais valorizado o aspecto atitudinal ou ético, que compõe o saber-ser.

As falas dos alunos ilustram esse ponto da discussão:

- *a postura do professor quando tiver que corrigir o aluno perante toda a classe (aluno de Letras);*
- *o professor respeita a idéia dos alunos? (aluno de Letras)*
- *o critério de avaliação utilizado pelo professor, que parece levar em consideração o convívio freqüente com certos alunos e a amizade com estes (aluno de Letras).*

Outras referências ligadas ao saber-ser parecem ser mais típicas do relacionamento interpessoal, bastante enfatizado pelos respondentes de Letras, por exemplo, que dizem ser necessário avaliar os seguintes aspectos do docente:

- *respeito com os alunos que, às vezes, não existe; (aluno de Letras)*
- *atenção, paciência, dedicação; educação (aluno de Letras)*
- *diálogo com a classe, sem ditadura; (aluno de Letras)*
- *o mais importante, o lado humano, o lado de saber respeitar os alunos com suas diferenças; integração com a turma; (aluno de Letras)*

A sobrevalorização de aspectos éticos pelos alunos de Letras pode ser entendida como fruto do contexto particular em que se insere o curso, evidenciando a validade de perspectivas ecologizantes da avaliação do docente, que levem em conta aspectos relacionados à composição do corpo docente, sua formação, sua situação funcional e sua prática pedagógica concreta.

Outros aspectos arrolados são difíceis de serem enquadrados somente como aspectos éticos já que envolvem também conhecimentos do processo de ensino e aprendizagem e compreensão do papel social da formação de professores.

Os aspectos indicados pelos alunos e citados abaixo, enquadram-se nessa categoria, ou seja, contém componentes éticos associados a conhecimentos do conteúdo específico e do conteúdo pedagógico:

- *empenho;*
- *seriedade do professor com relação à disciplina;*
- *a assiduidade é muito importante também, muitos alunos vêm de longe e a maioria deixa suas casas, famílias, após um dia de trabalho cansativo, chega na faculdade e o professor não veio;*
- *responsabilidade;*

- *pontualidade na entrega das notas;*
- *consciência da importância da sua disciplina na formação profissional;*
- *que o professor prepare as aulas para não enrolar em sala de aula.*

Considerações Finais

Os resultados do estudo confirmam a importância e a complexidade da tarefa de avaliar o professor e de fazê-lo levando em consideração a visão do aluno.

Confirmando resultados já apurados na literatura, percebe-se que a indicação de critérios para avaliar o professor é permeada por variáveis contextuais tais como o desempenho do aluno, seu relacionamento com o professor e a postura não só do professor avaliado como também de outros professores da sala que, num efeito de halo influencia na visão do aluno em relação a todos os professores. Com efeito, sem haver pretensão inicial para tanto, o estudo acabou assumindo um caráter de avaliação do ensino em andamento nas salas pesquisadas, já que ficaram claramente refletidos nos critérios e nas respostas dadas pelas classes os problemas nelas presentes. Pôde-se perceber que os critérios derivam da realidade vivida muito mais que da teoria pedagógica, principalmente nas duas primeiras séries do curso. Pôde-se perceber, também, os diferentes problemas que as diferentes salas apontam e relacioná-los com outros dados da realidade conhecidos pelo pesquisador.

O estudo ressalta, assim, a importância de perspectivas de avaliação do docente que considerem o contexto em suas diferentes instâncias, particularmente o contexto da sala de aula que, por um lado, expressa as condições institucionais em que se realiza o processo de ensino-aprendizagem e, por outro, reflete a heterogeneidade de práticas, de trajetórias, de conhecimentos e experiências, dos vários sujeitos envolvidos, que dão ao trabalho docente uma conformidade específica que necessita ser considerada em programas de avaliação que incluam a avaliação do docente pelo aluno.

A inclusão do aluno como parceiro da avaliação do docente, a partir da definição dos critérios, apresenta-se como possibilidade de captar dimensões que são típicas de um contexto determinado, que não são alcançadas pela utilização de instrumentos padronizados. Além disso, como se trata de uma abordagem responsiva, que admite a participação e a negociação entre os sujeitos, pode ser uma possibilidade de instituir entre os professores e alunos e outros agentes, uma discussão sobre a complexidade da tarefa de avaliação do docente pelo aluno, uma vez que neste processo, como mostraram as análises, está em jogo a própria compreensão da natureza do trabalho pedagógico, que difere de outros processos de produção, não sendo tão fácil caracterizar os objetos sobre os quais deve incidir a avaliação.

Neste sentido, o estudo aponta a necessidade de se promover um levantamento junto ao corpo docente, sob a mesma perspectiva de levar em conta a ótica dos interessados no processo de avaliação, reforçando a idéia de parceria para a construção de uma prática avaliativa democrática que conte com a adesão e o engajamento de todos os envolvidos e que cumpra o papel de contribuir para o crescimento humano e profissional e, conseqüentemente, institucional.

Referências Bibliográficas

DARLING-HAMMOND, Linda. **Teacher evaluation in transition: emerging roles and evolving methods.** in MILLMAN, Jason & DARLING-HAMMOND (eds) *The new handbook of teacher evaluation.* Newbury Park: Corwin Press, 1990, p.17-31.

DU CETTE, J. & KENNEY, J. **Do grading standards affect student evaluations of teaching? Some new evidence on an old question.** *Journal of Educational Psychology.* Vol.74 (3), 1982. p.308-314.

GAGE, Norman. **Teacher effectiveness and teacher education- the search for a scientific basis.** Palo Alto: Pacific Book Publishers, 1972.

LAMPERT, Ernâni. **Avaliação do professor institucional universitário.: pressupostos teóricos e conclusões.** In: SOUZA, Eda C. B. Machado de et alii. **Curso de Especialização em avaliação a distância: Avaliação de disciplina, leituras complementares** (vol2). Brasília:UnB, 1997. p. 323-40.

MIRON, Mordechai. **Evaluation of teaching by the learner as feedback to improve teaching.** In: LEWY, Arieh e NEVO, D (eds) **Evaluation roles in education.** New York: Gordon and Breach Science Publishers, 1981.

MOREIRA, Daniel. **Avaliação do professor universitário pelo aluno: possibilidades e limitações.** São Paulo: Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1986.

POWELL, R. W. Grades, **learning and student evaluation of instructors.** *Research in Higher Education,* v.7, 1977.p.193-205.

PROGRAD. **Avaliação Interna na UFRGS.** (fascículo 4). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995.

ROCKWELL, E. **Teoría y etnografía en la investigación educativa. Cuadernos de Formación (2),** Chile, 1984.

SCRIVEN, Michael. **Students ratings offer useful input to teacher evaluations.** *ERIC/AE Digest.* U.S.A ., Eric digest no. ED398240, 1995.

SNYDER, C. R. e CLAIR, M. **Effects of expected and obtained grades on teacher evaluations and attribution of performance.** *Journal of Educational Psychology,* vol. 68, 1976. p. 75-82.

SOUZA, Eda C. B. Machado de et alii (org.) **Curso de Especialização em Avaliação a distância: .Avaliação de Docentes e do Ensino (vol5).** Brasília: UnB, 1998.

STARK, Joan S. **Avaliação em instituições isoladas de ensino superior e em universidades: perspectivas e modelos.** In: SOUZA, Eda Machado et alii (org.). **Curso de especialização em avaliação a distância: avaliação em instituições de ensino superior (v.6).** Brasília: UnB, 1998. p. 1-60.